

Barca da Cultura

Barca de Sonhos



Barca da Cultura

Barca de Sonhos

Fotografias de Dudu Arbex e textos de integrantes do projeto Barca da Cultura - idealizado por Paschoal Carlos Magno -, comemorando 50 anos da realização da aventura.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arbex, Dudu

Barca da Cultura - Barca de Sonhos / Dudu Arbex.

1. ed. -- Juiz de Fora, MG : Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage
(FUNALFA), 2025.

ISBN 978-65-88135-65-5

1. Arte e cultura 2. Barca da Cultura -História

3.Comunidade ribeirinha - Amazônia 4. Dança

5. Fotografias 6. Música 7. Teatro brasileiro I. Título.

25-292569.0

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro é dedicado a Fátima Hassouna, fotojornalista palestina assassinada, junto com dez familiares, pelo governo genocida de Israel em 6 de abril de 2025, e a todos os jornalistas e fotógrafos mortos nas frentes de batalha.

SUMÁRIO

I. ABERTURA – O PALCO FLUTUANTE DOS SONHOS . 8

- . O Velho Chico, a música e a utopia navegante - Dudu Arbex . 9
- . Barca da Cultura: arte, afeto e resistência na ditadura - Luciana Frazão . 15

II. O VISIONÁRIO – PASCHOAL CARLOS MAGNO . 20

- . O mentor da travessia: um homem à frente de seu tempo - Sheyla Brasileiro . 21
- . Paschoal e os artistas: da efervescência à partida - José Luiz Ribeiro . 25

III. VIVÊNCIAS – O CORPO NA VIAGEM, A ARTE NO CORAÇÃO . 30

- . Viola, cordel e descoberta: um jovem na Barca - Bilinho (Domingos Teixeira) . 31
- . A liberdade era um rio: arte e respiro nos anos de chumbo - Sheyla Brasileiro . 33
- . O impacto da beleza: um país que pulsa à margem - Luiz Egypto . 35
- . A bordo do disco voador: entre o povo e o palco - Virgínia Calaes . 39
- . AB e PB: Antes da Barca e Pós-Barca - Xico Teixeira . 43

IV. O LEGADO – QUANDO A ARTE MUDA DE RUMO . 48

- . O nascimento de uma estética popular - Marika Gidali . 49
- . Entre violas e escolhas: o caminho da música - Bilinho . 53

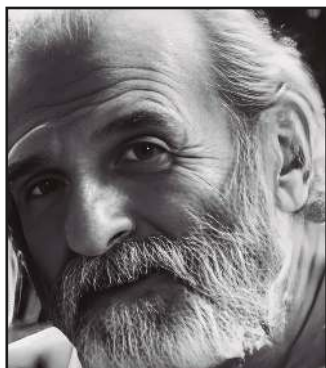
V. MEMÓRIA E FUTURO – A BARCA CONTINUA . 58

- . Imagens que dormiam: os negativos da utopia - Dudu Arbex . 59

ABERTURA - O PALCO FLUTUANTE DOS SONHOS



O Velho Chico, a música e a utopia navegante



por Dudu Arbex

Uma evocação poética do início da jornada

O barco Juarez Távora singrava silenciosamente as águas do Velho Chico, enquanto os alto-falantes instalados no palco sobre a embarcação espalhavam pelo ar a “Dança dos Espíritos Abençoados”, de Gluck, criando um clima de encantamento e expectativa ao se aproximar de alguma cidade ribeirinha.

Essa emoção se renovava a cada vila, povoado ou cidade onde a Barca da Cultura atracava.

A experiência foi marcante para os 123 artistas convidados para essa aventura idealizada por Paschoal Carlos Magno, e ficou impregnada na alma de todos aqueles que puderam testemunhar essa viagem, numa época em que a ditadura militar submetia o país a 21 anos de trevas.

“A Barca dos Sonhos”, como os ribeirinhos passaram a chamar carinhosamente o projeto, foi, de certa forma, um respiro nos anos de chumbo.

Corria o ano de 1974.

Da cabeça desse visionário e sonhador surgiam projetos culturais maravilhosos, como forma de resistência aos tempos sombrios. Paschoal criara a Aldeia de Arcozelo, o Teatro do Estudante do Brasil, entre outras iniciativas — sendo “A Barca” o seu projeto mais ambicioso.

O Grupo Divulgação, do qual eu fazia parte, teve a honra de ser convidado após vencer o Festival de Teatro de Ponta Grossa, onde Paschoal conheceu nosso trabalho. A partir daí, vivemos um sonho. Desde o encontro com a comitiva que partira do Rio de Janeiro até o fim do circuito, vivenciamos uma experiência que, para grande parte dos participantes, foi a mais marcante da vida.

Sem dúvidas, o projeto superou todas as expectativas. A convivência com o Balé Stagium, de São Paulo, a Orquestra Jovem comandada pelo maestro Carlos Eduardo Prates, o grupo folclórico de Curitiba e outras manifestações culturais — incluindo um mágico e sua parceira — tornava tudo ainda mais rico.

O Grupo Divulgação apresentava “O Cancioneiro de Lampião”, de Nerthan Macedo, e o Balé Stagium, de Márika Gidali e Décio Otero, encerrava as apresentações.

O palco montado sobre o barco oferecia, em duas horas, um panorama diversificado de expressões artísticas. Após os espetáculos, éramos brindados com as atrações culturais locais — congadas, marujadas, bandas de música —, provando que este imenso país é solo fértil para criações artísticas que resistiam bravamente naquele período.

Eu participava como ator no espetáculo do Divulgação, dividindo com Bilinho os temas musicais ao violão. Ao fim do dia, nos reuníamos na popa do navio, quando a maioria já dormia, para cantar e ensaiar músicas que mais tarde seriam apresentadas no Teatro José de Alencar, em Fortaleza.

A Barca seguiu, depois do trecho navegável do São Francisco, pelos sertões nordestinos em ônibus e num caminhão-palco, passando por Crato, Fortaleza, Teresina e seguindo até São Luís do Maranhão.

Eu carregava minha câmera Yashica, sem muitos recursos, fotografando o que me encantava. Aos poucos, fui registrando o retrato do Brasil real. A cada cidade, vila ou povoado, minha emoção transbordava ao conhecer um pouco mais das entranhas desse país imenso.

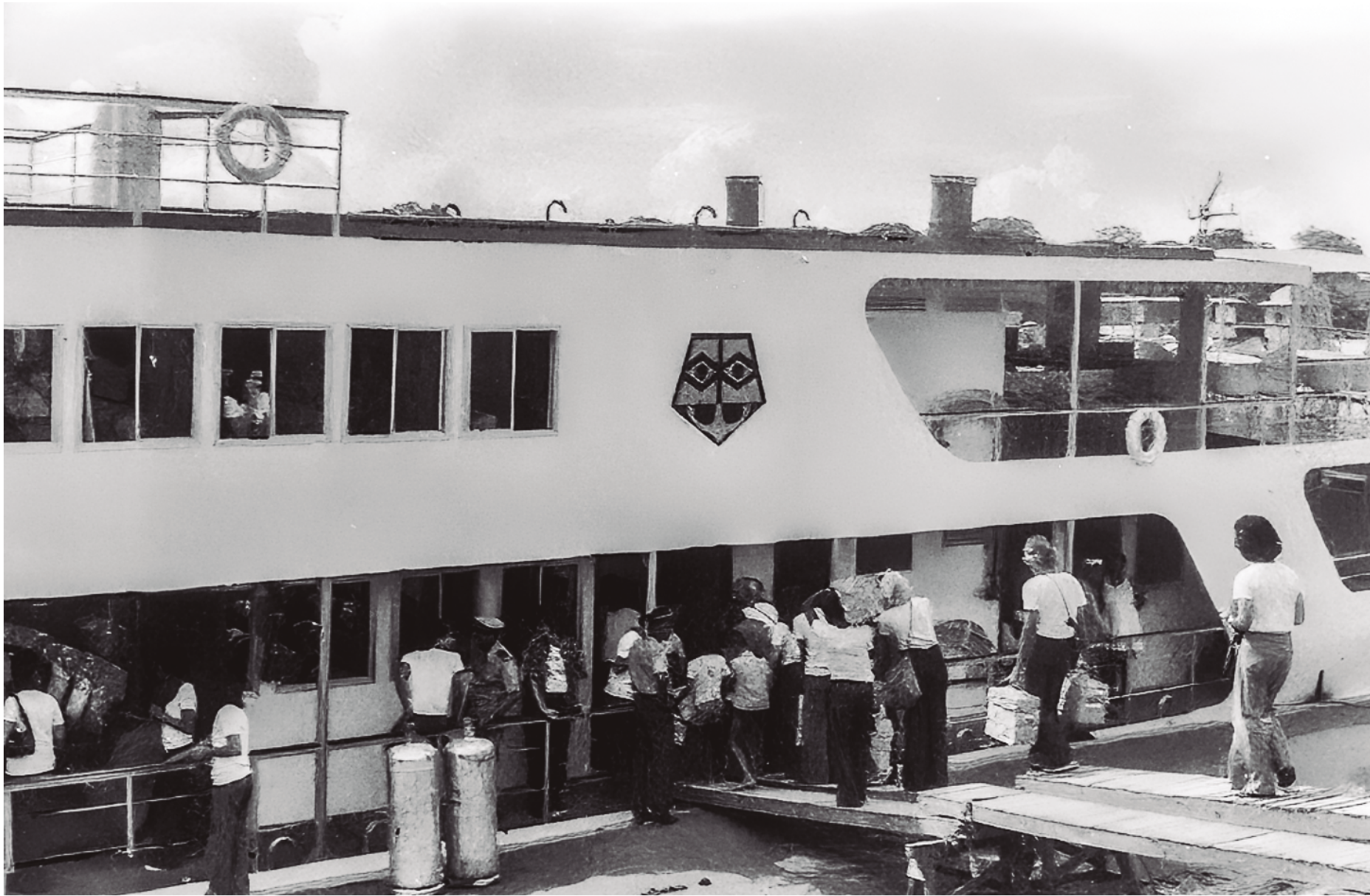
Sem me preocupar em registrar as próprias atrações da Barca, minha câmera se voltava para o que realmente tocava meu coração.



Eduardo Wilson Arbex, jornalista e fotógrafo, também com incursões na música e no teatro. Se permite agora, a experiência de ter livros publicados. Participando como ator na aventura “Barca da Cultura”, registrou com sua câmera aspectos das entranhas do país.







Barca da Cultura: arte, afeto e resistência na ditadura



Luciana Frazão

Enquadramento político e simbólico do projeto, com leitura crítica da história e seus desdobramentos

Paschoal Carlos Magno acreditava na arte como uma ferramenta potente para provocar as transformações sociais necessárias ao povo brasileiro. Idealizou festivais, caravanas e barcas como forma lúdica e poética de cintilar sonhos, intensificar percepções e ativar sensibilidades. Imbuído de um espírito quixotesco — segundo ele, o melhor adjetivo que poderia aplicar a si mesmo —, em fevereiro de 1974, já com 68 anos, Paschoal navegou as águas do Rio São Francisco com uma trupe plural e multidisciplinar de artistas, na sua Barca da Cultura — que zarpou de Pirapora (MG) e seguiu em direção a Petrolina (PE) numa espécie de lancha-ônibus, depois continuando por terra até Belém (PA) —, para levar espetáculos de teatro, balé, canto, poesia e música, além de shows de marionetes e mágica e oficinas de pintura, dança e origami a localidades que vivenciavam realidades muito distintas daquelas experimentadas nas metrópoles brasileiras.

Uma experiência multifacetada e de intensas trocas de saberes entre as artes cosmopolitas e as diversas produções culturais deste Brasil tão diverso e policromático.

Mesmo sendo um projeto patrocinado pelo Ministério da Educação e Cultura da época, em consonância com a proposta de difusão, valorização e democratização da cultura nacional do Plano de Ação Cultural (PAC) do governo Geisel, a Barca desviou do curso burocrático e se valeu do próprio aparato estatal para driblar a censura do regime ditatorial. Desenhou, assim, uma outra cartografia baseada no afeto, experimentando, na prática, o pulsar vital da arte nas veias do São Francisco.

Ao fazer de seu palco um campo transterritorial, os artistas da Barca da Cultura se dispuseram a experimentar encontros e fricções com outros modos de fazer, viver, criar e pensar. Confluências essas — com suas possíveis disjunções — que, no corpo a corpo e intermediadas pelas águas do Opará, transfluíram em trocas e circularidades que esfumaram fronteiras, engendraram vínculos afetivos e promoveram uma rede quente de informações, conhecimentos e intercâmbios culturais em plena ditadura militar.

Na volta da viagem, a Barca denunciou a extrema pobreza, a carência escolar nas cidades ribeirinhas e o drama dos moradores das localidades que seriam submersas pela represa de Sobradinho, por meio de jornais, revistas e seminários pelo Brasil afora. Também utilizou esses veículos de comunicação para dar visibilidade à cultura nordestina, barranqueira e sertaneja no Sul e Sudeste do país. A Barca inspirou ainda a criação de projetos ecoculturais materializados em outras embarcações que vieram em sua esteira, como Para Ver a Barca Andar (1990) e Caminhos das Águas I e II (1999 e 2000).

Iniciei a pesquisa sobre a Barca da Cultura com o objetivo de trazer à baila sua história — ainda des-

conhecida do público em geral — e analisar o quanto suas interações transculturais e transterritoriais foram (e são, pois insistem e resistem) potentes como agentes de engendramento de saberes, intercâmbios, transformações e construções de sentido. Ao mesmo tempo, pretendo expor as razões pelas quais considero válida a legitimação daquela empreitada como ação relevante da produção artística, com reverberação contemporânea nos âmbitos macro e micropolíticos da história da arte brasileira.



Luciana Frazão, historiadora da arte graduada pela EBA-UFRJ, mestranda em Culturas e Identidades Brasileiras no IEB-USP e sobrinha-neta do idealizador da Barca da Cultura, Paschoal Carlos Magno. Pesquisa há mais de 12 anos as temáticas das Barcas e as ricas culturas populares ligadas aos povos barranqueiros e ribeirinhos da bacia do São Francisco.





O VISIONÁRIO - PASCHOAL CARLOS MAGNO



O mentor da travessia: um homem à frente de seu tempo



por Sheyla Brasileiro

Retrato pessoal do idealizador e sua relação com a autora desde a infância até o projeto

Os anos eram de chumbo na política, mas já recebíamos os ares revolucionários nos costumes, que sopravam de várias partes do mundo. Eu experimentei na pele as mudanças comportamentais que aconteciam por aqui. Já havia me formado em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e, recém-saída de um casamento, encontrei refúgio no Grupo de Teatro Divulgação.

Envolvida pela magia da dramaturgia, não hesitei em aceitar o convite para me aventurar nas águas do Rio São Francisco.

Ao longo da vida, tive a oportunidade de fazer várias viagens maravilhosas e inesquecíveis. Mas a viagem da Barca foi uma experiência única e imbatível, principalmente pela convivência com gente de altíssimo astral, a começar por Paschoal Carlos Magno.

Conheci Paschoal quando tinha cerca de seis anos. Ele foi meu mentor intelectual

e artístico. Comecei a tocar piano aos cinco anos, em Carangola/MG, onde morava. Em 1952, mudei-me com minha família para Juiz de Fora, onde continuei a estudar piano com Francisco Duque de Bicalho (autor do Hino de Juiz de Fora). Foi ele quem convenceu meus pais a me levar para o Rio de Janeiro, para ter uma formação mais adequada.

Francisco manteve contato com Paschoal e me apresentou a ele. Em 1953, nos mudamos para o Rio, e minha mãe me levou ao Teatro Duse para conhecê-lo. Lembro-me de que, ao entrar no teatro, estava acontecendo o ensaio de uma peça estrelada por Tereza Rachel. Fiquei deslumbrada. Enfim, Paschoal me encaminhou na vida, na formação artística e intelectual.

Mas a vida dá voltas. Com 18 anos, deixei o piano. Em 1968, formei-me em Direito, pela UFJF. Em meados de 1973, morava em Juiz de Fora e integrava o elenco do Grupo Divulgação, dirigido por José Luiz Ribeiro e sua encantadora esposa, Maria Lúcia Campanha da Rocha.

No segundo semestre de 1973, o Divulgação foi se apresentar no Festival de Teatro Amador de Ponta Grossa (PR), com Seis Personagens à Procura de Um Autor, de Pirandello. A peça foi premiada com o primeiro lugar — um trabalho memorável de José Luiz e Malu.

Em um dos dias do festival, Paschoal se reuniu com os integrantes do grupo e foi perguntando o nome de cada um. Quando chegou a minha vez, ele levantou a cabeça e, meio irônico, perguntou:

— Sheyla Brasileiro, você era pianista! Agora virou atriz?

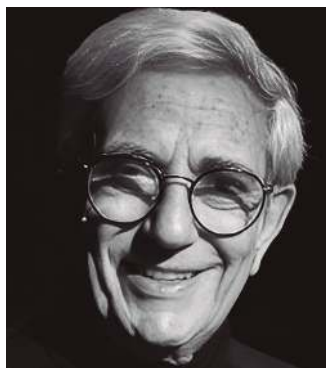
Nem me lembro do que respondi...



Sheyla Brasileiro, 76, procuradora municipal de JF
aposentada e ex-atriz do Grupo Divulgação.



Paschoal e os artistas: da efervescência à partida



por José Luiz Ribeiro

A origem do convite à trupe de Juiz de Fora e a exigência da brasilidade no repertório

A Barca da Cultura foi uma ideia de Paschoal Carlos Magno, que se tornou realidade em 1974, graças à fervorosa adesão de mais de cem artistas de cidades de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Na caravana havia grupos de modalidades artísticas variadas — teatro, dança e música —, a maioria com reconhecimento nacional. Ao lado de famosos como Márika Gidali e Décio Otero, do Ballet Stagium (SP), e o maestro Carlos Eduardo Prates, da Orquestra Sinfônica Nacional (RJ), estava o Grupo de Teatro Divulgação.

O Divulgação conquistou definitivamente Paschoal depois de uma grande performance no Festival de Teatro Amador de Ponta Grossa (PR), no ano anterior. E claro que o futuro capitão da Barca também estava lá, na efervescência teatral do Paraná, e não pensou duas vezes antes de convidar o grupo para a aventura pelo Rio São Francisco, rumo ao Norte/Nordeste e Centro-Oeste.

A única exigência de Paschoal era que levássemos uma peça brasileira. Na época, nosso repertório era muito estrangeiro, mas então me veio a ideia de montar o “Cancioneiro de Lampião”, uma adaptação que eu havia feito de um livro de poemas de Nertham Macedo, já musicado por Sueli Costa.

Saímos do Rio de Janeiro, embarcamos em Pirapora, navegando por um Rio São Francisco ainda navegável, até Petrolina (PE), parando em todas as localidades ribeirinhas. Depois, seguimos de ônibus até Belém do Pará, fechando o circuito em Brasília.

Pelas águas, chegávamos às comunidades pela manhã, tocando pelo alto-falante a “Dança dos Espíritos Abençoados”, de Christoph Willibald Gluck. Nesse momento, os artistas ocupavam a barca inteira, empunhando bandeiras. Era como se o circo estivesse chegando.

A programação começava pela manhã, com espetáculos infantis. O Divulgação levou dois trabalhos de fantoches: “Mariquita dos Girassóis” e “A História de um Foguete Muito Doido”, dedicados às crianças. À noite, o grupo apresentava trechos do Cancioneiro, pois a programação era muito extensa.

O encerramento ficava por conta da Orquestra do Estudante do Brasil, cujo destaque era a soprano Maria Domícia dos Santos, cantando “Invocação em Defesa da Pátria”, de Villa-Lobos, sob a regência de Carlos Eduardo Prates.

Geralmente, a própria barca se transformava em palco, e a plateia assistia do porto. Além das apresentações, havia bate-papos entre os artistas e a comunidade.

Só do Divulgação eram 25 integrantes — entre atores, atrizes e músicos —, todos jovens.

Essa foi uma viagem que mexeu com a cabeça das pessoas. Voltamos transformados pela experiência.



José Luiz Ribeiro, 81, professor aposentado da UFJF e diretor do Grupo Divulgação.

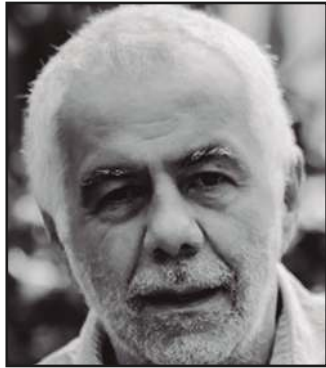




VIVÊNCIAS - O CORPO NA VIAGEM, A ARTE NO CORAÇÃO



Viola, cordel e descoberta: um jovem na Barca



por Bilinho (Domingos Teixeira)

Transformação pessoal e trajetória artística inspirada pela experiência na barca

Minha participação na Barca da Cultura foi uma experiência intensa, que me marcou para o resto da vida. Eu tinha 17 para 18 anos e cheguei até ali por meio do Grupo de Teatro Divulgação. Era um músico amador e, imagine: passar quase dois meses convivendo diariamente com o mundo artístico em geral! O contato não era só com a música, mas também com a dança, o teatro e as mais diversas formas de expressão artística.

Havia ainda a convivência com a disciplina: acordar cedo, chegar à cidade, sair com todos levando os instrumentos, se apresentar à tarde nas praças e escolas e, depois, voltar para se preparar para o concerto geral à noite, quando todos se exibiam no palco montado no terceiro andar da barca. Após o concerto, arrumávamos tudo e nos preparávamos para dormir — um ritual que durou semanas. Nossa rotina era intensa, quase uma experiência de um Fitzcarraldo.



A liberdade era um rio: arte e respiro nos anos de chumbo



por Sheyla Brasileiro (experiência de viagem)

Cotidiano da travessia e a magia de estar entre artistas e paisagens brasileiras

Depois da apresentação em Ponta Grossa, Paschoal convidou o Divulgação para participar da Barca da Cultura. E, em fevereiro de 1974, partimos.

Lembro que a parte navegável da viagem durou 15 dias, e o restante do percurso, feito de ônibus, ocupou os outros 45 dias. Na embarcação, dormíamos em redes ou cadeiras reclináveis, tomávamos banho em chuveiros de água fria e fazíamos nossas refeições preparadas por um cozinheiro contratado para a viagem.

Durante os deslocamentos por terra, o grupo se revezava entre o ônibus e dormitórios cedidos pelas autoridades locais.

Aquela aventura era um respiro em tempos sombrios. Estávamos entre artistas, acompanhando a beleza do que era produzido e as maravilhas proporcionadas pelas pessoas e pela natureza dos lugares que visitávamos. Foi uma viagem dos sonhos.



O impacto da beleza: um país que pulsa à margem



por Luiz Egypto

Olhar jovem e sensível sobre a recepção das artes pelas populações ribeirinhas

Eu era integrante do Grupo Divulgação. Paschoal Carlos Magno, idealizador da Barca, era um entusiasta do trabalho do Divulgação e convidou o grupo a participar do projeto.

À época, não tinha consciência da dimensão dessa aventura. Essa consciência foi se formando ao longo da viagem, que se constituiu numa experiência riquíssima para todos os que dela participaram. Desde o embarque, em Pirapora (MG), estávamos todos excitados. A partida estava marcada para a manhã do dia seguinte. Eu mal conseguia pegar no sono.

(Viajamos na barca Juarez Távora, conhecida pelos ribeirinhos como “barca-ônibus”: no convés inferior, os passageiros se acomodavam em poltronas como as de um ônibus comum; e no convés superior, em poltronas semelhantes às de um ônibus-leito.)

Vi o dia amanhecer sentado no deck da popa, conversando com a soprano Maria Domícia, que também não via a hora de partir. Foi quando o motor da barca foi ligado. Logo nos primeiros movimentos, porém, um imprevisto: a Juarez Távora encalhou num banco de areia. Mas o que parecia um grande problema acabou se tornando uma prova de perícia do comandante e sua tripulação: depois de meia hora de manobras, a embarcação desencalhou. E finalmente começamos a navegar rio abaixo rumo à primeira parada: São Romão.

A viagem foi um mergulho no Brasil profundo, uma experiência singular. Além da oportunidade de conhecer in loco o ecossistema do rio São Francisco e parte do bioma da caatinga, aquela aventura nos apresentou a riqueza de um povo ao mesmo tempo sofrido e sábio. Era surpreendente constatar, por exemplo, como as plateias ribeirinhas compreendiam e usufruíam de espetáculos ditos “sofisticados”, como as apresentações do Balé Stagium ou da Orquestra Sinfônica Jovem.

Foi um impacto indelével na formação de um jovem recém-saído da casa dos vinte anos.

Já lá se vão mais de cinquenta anos da Barca da Cultura. Se uma lição esse projeto deixou, foi a reiteração do fato de que a arte não admite fronteiras fixas. Mesmo as camadas mais simples da população são capazes de decodificar e consumir produtivamente manifestações artísticas ditas “eruditas”, além de produzirem suas próprias expressões culturais, em geral dotadas da complexidade mágica de uma arte genuinamente popular.

Em suma: formulem-se boas políticas públicas de incentivo à produção e disseminação de bens culturais, que as audiências estão garantidas. E produtores não faltam.



LUIZ EGYPTO, Luiz Egypto, jornalista (UFJF), mestre em História (PUC-SP) e pós-graduado em Direção Editorial (ESPM-SP). Foi professor do Departamento de Jornalismo da PUC-SP e trabalhou no “Versus”, “Folha de S. Paulo”, revistas “Imprensa” e “Comunicação Empresarial”, “O Estado de S. Paulo” e “Observatório da Imprensa”. É editor-associado do Museu da Pessoa.



A bordo do disco voador: entre o povo e o palco



por Virgínia Calaes

Relato emocionado da experiência como atriz e observadora do encantamento popular

Eu tinha 23 anos e estava no segundo ano do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrava o grupo de teatro Divulgação, que foi convidado para participar da Barca da Cultura.

Tive o privilégio e a felicidade de participar desse projeto inédito e grandioso, idealizado por Paschoal Carlos Magno e patrocinado pelo Ministério da Cultura. Até hoje, quando lembro dessa experiência, parece que foi um sonho.

Foi uma vivência inesquecível que, com certeza, marcou todos nós. O palco era montado na barca, que parava nas margens das cidades e ali, do alto da gaiola (como eram chamadas as barcas que faziam o trajeto Pirapora/MG a Juazeiro/BA), o espetáculo acontecia. A margem do rio ficava apinhada de gente, assistindo, extasiada.

Quando nossa apresentação terminava, eu descia da barca e me colocava no

meio do povo, para sentir de perto a emoção das pessoas. Ficava imaginando que a chegada daquela barca, apresentando espetáculos tão bonitos e variados — teatro, balé, orquestra sinfônica, show de magia — em lugares onde, naquela época, nem havia televisão, devia ser como a chegada de um disco voador. Nós, os tripulantes desse disco voador, com nosso jeito meio hippie, devíamos parecer seres alienígenas.

Misturada ao público que assistia às apresentações, ouvia comentários do tipo: “Olha o cabelo dos moços, igual cabelo de mulher; será que é peruca?”. Também via gente chorando de emoção.

Depois do espetáculo, descíamos da barca para conhecer a cidade. Eram pequenos lugarejos, com um povo muito acolhedor. Em alguns deles, éramos presenteados com alguma manifestação folclórica típica do lugar. Acontecia, assim, uma troca, um verdadeiro intercâmbio de culturas.

Uma das coisas que mais me emocionava era quando a Barca se aproximava de uma cidade e começava a tocar a música “Dança dos Espíritos Abençoados”, de Gluck. Depois, ouvia-se a “Invocação em Defesa da Pátria”, de Heitor Villa-Lobos, e todos os participantes subiam ao palco montado no alto da barca, portando bandeiras do Brasil e dos estados que a Barca da Cultura iria percorrer.

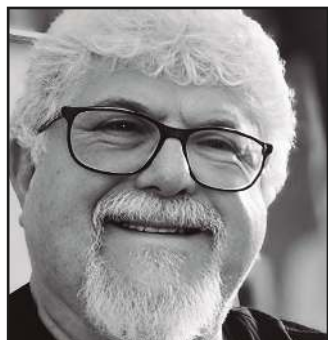
Cantávamos juntos: “Oh natureza do meu Brasil, mãe altiva de uma raça livre. Tua existência será eterna. E teus filhos velam tua grandeza”. Esse momento vivido na chegada a cada cidade me marcou profundamente.



VIRGÍNIA DIAS CALAES, nasceu em Belo Horizonte em 1951. É atriz e jornalista. Fez parte do Grupo de Teatro Boca de Cena em Resende. Tem dois livros publicados: “Luz que não se apaga” e “Boca de Cena”



AB e DB: Antes da Barca e Depois da Barca



por Xico Teixeira

Narrativa política e existencial que redefine a visão de mundo do autor

A Barca da Cultura foi minha primeira e maior experiência — não apenas artística, mas de vida. Foram 45 dias de uma caravana mítica, inesquecível para o resto da minha existência.

A caravana artístico-cultural da Barca incorporou, na prática, os conceitos humanistas legados por meus pais: justiça, igualdade social, solidariedade — enfim, uma brasilidade absoluta.

A viagem da Barca me apresentou um país completamente diferente daquele difundido à época pelo regime militar, totalitário e ditatorial. Mostrou um Brasil muito pobre economicamente, mas diverso, valente e riquíssimo em uma cultura jamais divulgada pela mídia ou pelos livros de história.

Defino minha visão de mundo como AB e PB — Antes da Barca e Pós-Barca.

Ela alterou não apenas minha percepção, mas consolidou a convicção de que a

brava gente brasileira de fato existe, habitando as margens do São Francisco e os rincões mais áridos do sertão nordestino.

O contato direto com o Brasil real me tornou um cidadão mais consciente da vida humana, da diversidade absoluta, da solidariedade entre os indivíduos, do respeito à natureza e com uma nova visão de mundo.

Vale lembrar que a experiência da “Barca” avançou além das margens ribeirinhas: se embrenhou pelas estradas do sertão, percorrendo vários estados do Nordeste e do Norte brasileiros.

Para mim, a maior contribuição dessa viagem foi nos mostrar que cultura se conjuga no coletivo.

Ninguém “leva” cultura para alguém. É sempre uma troca.

E, com certeza, fomos nós da Barca que fomos inundados pela cultura do povo ribeirinho e sertanejo.

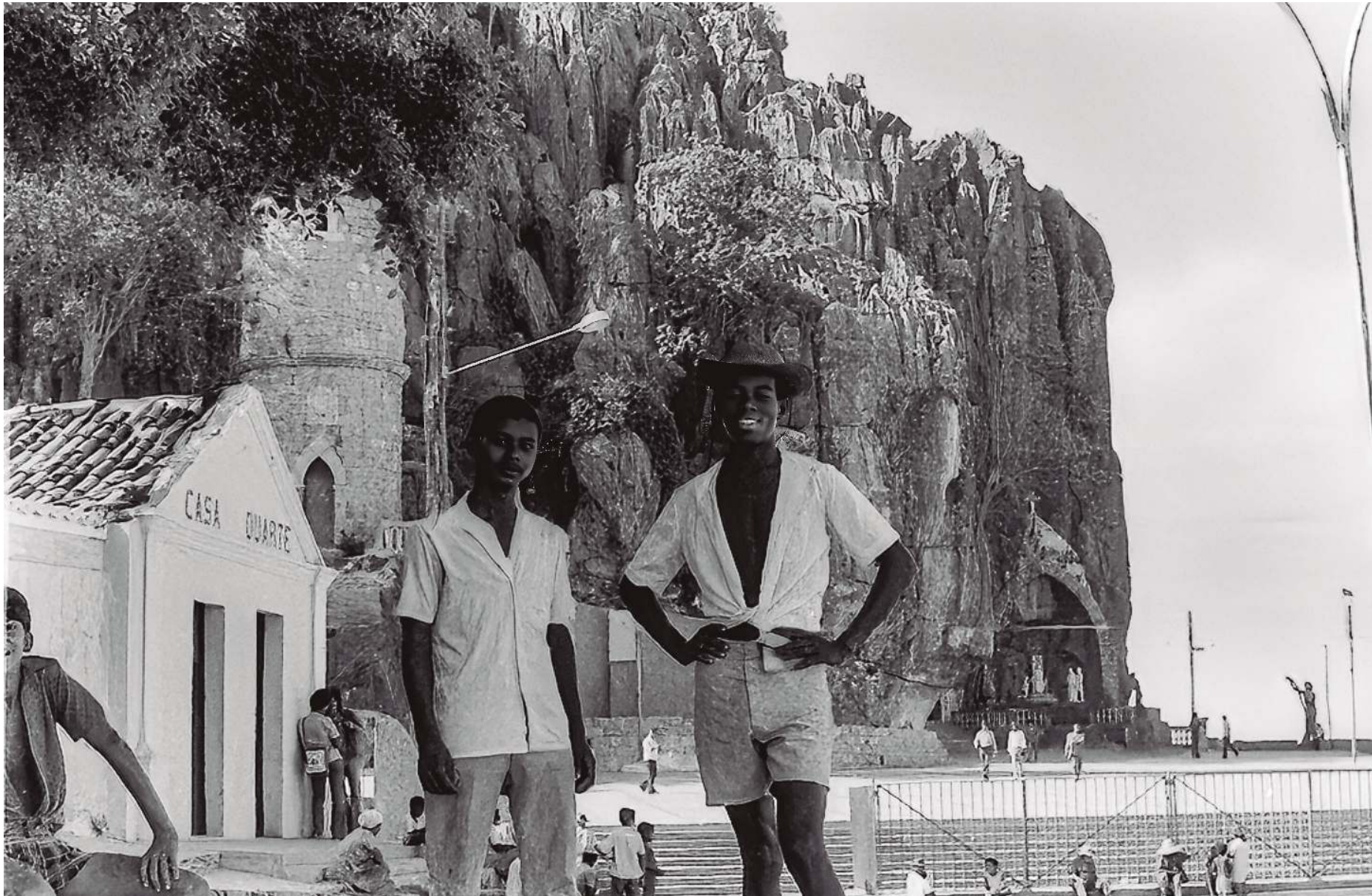
Levamos sonhos e colhemos cultura popular genuína.

A lembrança que guardo de Paschoal é a de um pai cultural.

Um homem simples, vaidoso na medida certa, orgulhoso do papel que exercia, e um verdadeiro visionário. Enfrentou um regime que pouco ou nada valorizava a cultura popular e mudou a vida não apenas de nós, barqueiros, mas de toda uma geração de jovens artistas amadores que tiveram o privilégio de conviver com esse mecenas das artes brasileiras.



XICO TEIXEIRA, jornalista, natural de Juiz de Fora.
Ex-presidente da Fundação Roquette Pinto e ex-gerente de rádio EBC. Repórter, produtor cultural e percussionista amador.





O LEGADO - QUANDO A ARTE MUDA DE RUMO



O nascimento de uma estética popular



por Marika Gidali (Ballet Stagium)

A Barca como marco na transformação do pensamento artístico e coreográfico do grupo

Estamos celebrando, este ano, 54 anos do Ballet Stagium. Iniciamos nossos trabalhos em 1971 e, três anos mais tarde, fizemos a viagem pelo Rio São Francisco, na Barca da Cultura — uma experiência transformadora.

A companhia participou da caravana em sua primeira fase, que durou 15 dias e correspondeu ao trecho navegável da Barca, entre Pirapora (MG) e Juazeiro (BA). Para mim, essa foi uma das experiências mais importantes da vida, porque me impactou profundamente, a ponto de alterar a direção do nosso trabalho. A filosofia do Ballet Stagium nasceu nessa viagem.

A partir da experiência na Barca, passamos a nos preocupar com a nossa responsabilidade sociocultural. Refletimos sobre o que realmente estávamos fazendo, sobre o que é cultura e sobre quem eram aquelas pessoas que nos viam atuar. Ali surgiram três perguntas que ainda hoje me acompanham: o que dançar? Como dançar? E para quem dançar?

Foi a partir dessa viagem que chegamos à conclusão de que queríamos fazer uma arte brasileira e popular — e que não adiantaria ir para lugares como aqueles levando obras herméticas. Era preciso que a arte tivesse a mesma linguagem do público, para que ele pudesse entender, sem que, no entanto, o trabalho perdesse em qualidade.

E assim buscamos colocar em ação essas determinações. Em todas as minhas entrevistas, falo da Barca da Cultura. O Rio São Francisco virou quase uma entidade espiritual. Foi ele que nos possibilitou esse encontro com aquilo que ainda hoje nos propomos a fazer enquanto artistas.

Viajo muito de ônibus ao Nordeste, e toda vez que passo pelo Rio São Francisco, eu me levanto e o cumprimento, porque foi um encontro muito bonito, uma coisa única. Posso falar sobre isso por meses e meses, sabendo que ainda vou achar mais o que dizer — uma vez que isso mexeu incrivelmente com o meu interior.

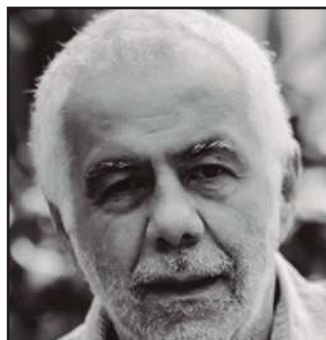
Para aquelas apresentações, levamos dois espetáculos: “Adagietto”, de Gustav Mahler, e “Concerto de Ebony”, de Stravinsky. Foi maravilhoso — o público adorava. Mas a brasilidade que caracteriza o Staging nasceu depois. Iniciou-se com a Barca e teve prosseguimento com outras viagens que nos fizeram apaixonar pelo Brasil. Atualmente, mesclamos tudo: juntamos Stravinsky e Mahler com sertanejo, e nos apresentamos em todos os lugares — inclusive em plena praça.



MARIKA GIDALI, bailarina, fundadora ao lado do marido Décio Otero do Ballet Stagium, hoje com 54 anos e em plena atividade. Nasceu em Budapeste, Hungria, em 29 de abril de 1937. Atuou como bailarina no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Ballet do Teatro Cultura Artística e Ballet IV Centenário.



Entre violas e escolhas: o caminho da música



por Bilinho

Decisões de vida e o abandono da engenharia em nome da arte, por influência da viagem

Na época, eu havia acabado de passar muito bem no vestibular para Engenharia, e então veio o convite para a viagem. Meus pais me apoiaram, e, mesmo sendo menor de idade, viajei acompanhado de um irmão mais velho, Xico Teixeira. Tenho a impressão de que eu era o caçula entre todos.

Era um novo estilo de vida. Tudo aquilo me marcou profundamente — o convívio com os músicos, como o violonista Francisco Araújo, com quem eu mantinha contato, e a cantora lírica Maria Domícia. Era muita gente para admirar e uma experiência que eu estava prestes a abraçar como futuro de vida.

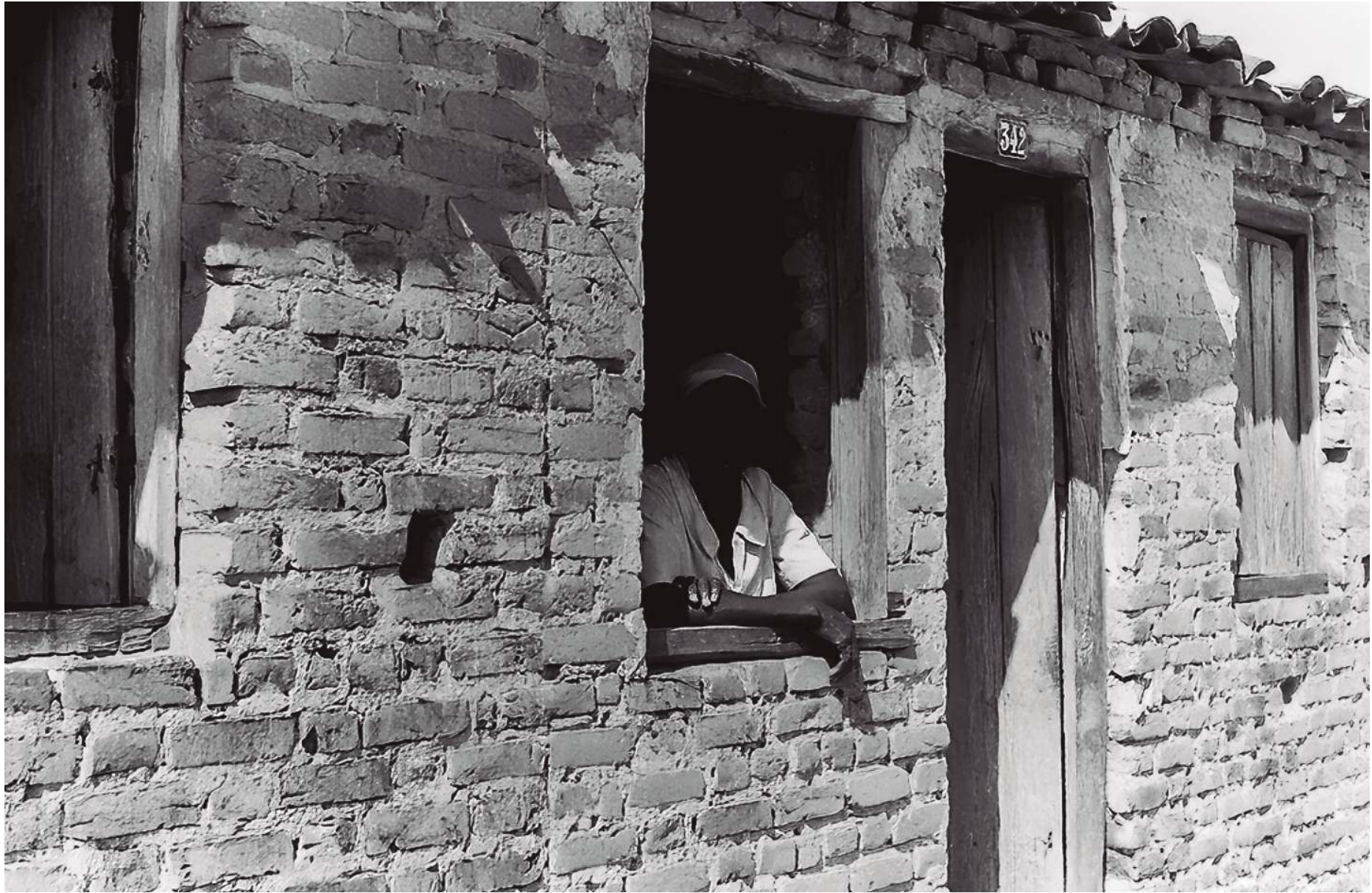
Minha participação nas apresentações da Barca era como violonista, ao lado de Dudu Arbex. Éramos cantadores: interpretávamos histórias de Lampião em forma de literatura de cordel.

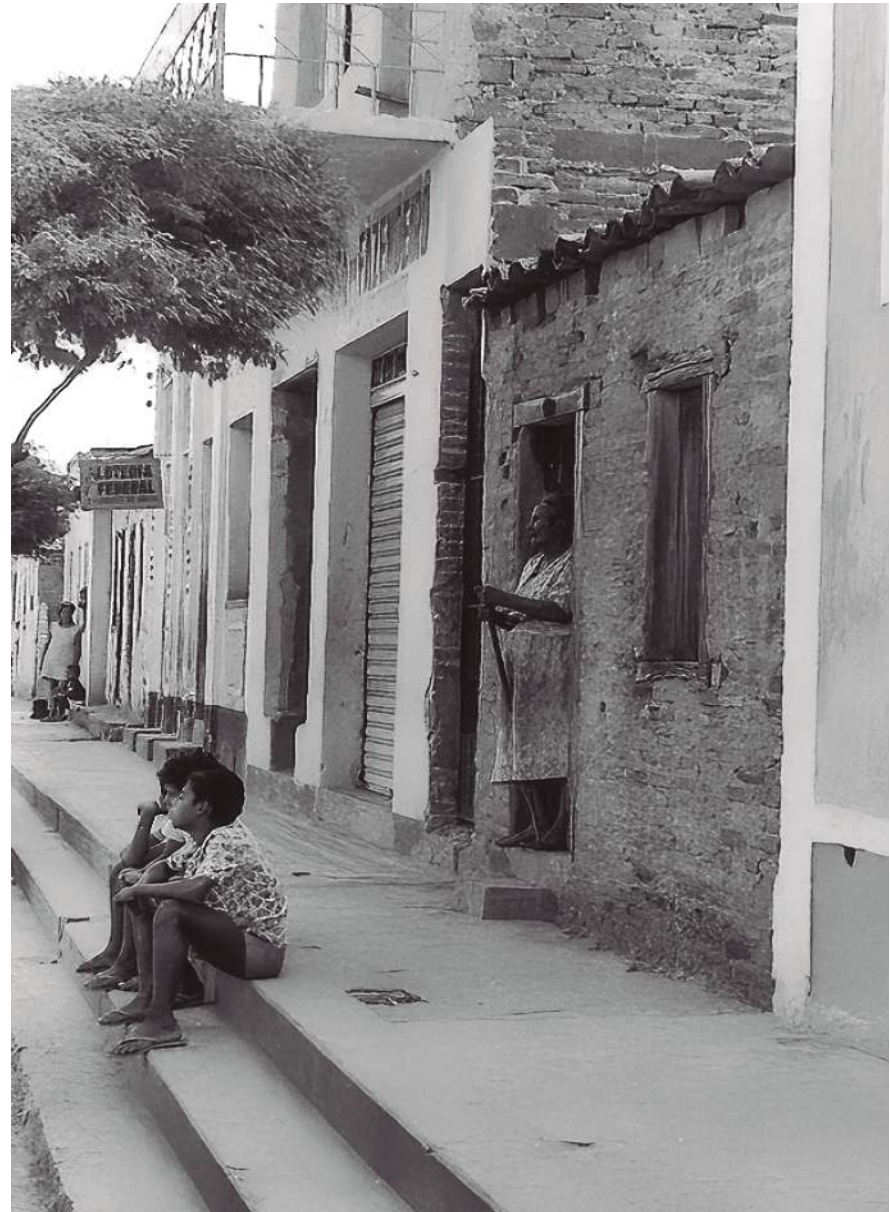
Mas, ao retornar, já havia perdido mais de um mês de aulas, e isso teve consequências. Caí de paraquedas na turma de Engenharia — a primeira aula que assisti tinha um quadro negro repleto de integrais e derivadas. Apesar do bom desempenho no vestibular, não entendi nada. Na semana seguinte, tranquei o curso por seis meses.

Tentei novamente e fui até o terceiro ano. Então percebi que aquilo era incompatível com minha forma de ser e pensar. Acabei me transferindo para o curso de Matemática, no qual me formei em um ano. Logo depois, fui para o Rio de Janeiro, onde cheguei a dar aulas, mas me dediquei integralmente à vida de músico: excursões, shows, bailes, viagens.

Guardo uma lembrança maravilhosa dessa experiência, sobretudo do nosso comandante da Barca, Paschoal Carlos Magno. Tinha por ele muito carinho, respeito e consideração.

DOMINGOS TEIXEIRA (Bilinho), natural Juiz de Fora, MG, violonista, compositor, arranjador e professor. Acompanhou em shows e gravou com artistas como Fátima Guedes e Zelia Duncan. Possui dois álbuns autorais: “Brincadeiras de Quintal” e “Em Companhia”. Participou do grupo “Choro na Feira” resultando na produção e lançamento de quatro álbuns de música instrumental.



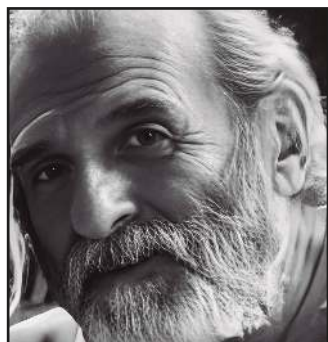




MEMÓRIA E FUTURO - A BARÇA CONTINUA



Imagens que dormiam: os negativos da utopia



por Dudu Arbex

A descoberta dos registros fotográficos e a reconexão com a Barca 50 anos depois

Eu ainda não tinha a dimensão da importância desses registros, até que, 50 anos depois do evento, ao consultar meus arquivos, encontrei os negativos fotográficos dessa aventura.

Inscrevi, então, o projeto “A Barca dos Sonhos” na Lei Murilo Mendes, da Prefeitura de Juiz de Fora, e tive a honra de ser contemplado para a confecção deste livro e apresentação de uma exposição de fotografias no saguão do Teatro Paschoal Carlos Magno.

Aqui estão meu olhar e minha percepção dessa experiência inesquecível, que definiu meu caminho na fotografia, na música e no teatro.

A Barca da Cultura está marcada para sempre no meu coração!

Barca da Cultura – Barca de Sonhos

Fotos e concepção – Dudu Arbex

Produção – Letícia Nogueira

Entrevistas e produção de textos – Márcia Carneiro

Revisão, tratamento das imagens e diagramação – Víctor Vingren

Ilustração da capa criada por IA Generativa.

Meus sinceros agradecimentos a todos que tornaram possível a realização deste livro.

Agradeço à Márcia Carneiro, pelos textos dos entrevistados.

À Letícia Nogueira Fonseca, minha companheira de vida e de sonhos, pelo apoio ao projeto e por todo o trabalho de bastidor, conectando as prefeituras das cidades percorridas.

Agradeço também a Yuri Bernardes e Alena Corrêa Bernardes, pela colaboração.

A Victor Vingren, pelo suporte técnico nos assuntos tecnológicos.

E a José Luiz Ribeiro, Márcia Gidali, Luiz Egypto, Sheyla Brasileiro, Xico Teixeira, Domingos Teixeira, Virgínia Calaes e Luciana Frazão, pelos testemunhos emocionados.

Por fim, agradeço à Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, na pessoa de Margarida Salomão, por manter o Edital Murilo Mendes, que tornou possível a realização deste projeto.

edital
MURILÃO

— Programa Cultural —
Murilo Mendes

FUNALFA

Juiz de Fora
Prefeitura

